

Ao redor a mandioca

o "tucinho", o "moleirão cerebral" do Jeca, pelo microscópio, telefone e automóvel, "moleirão cerebral" do autor: (...)

Rodolfo Guttilla

determinismos ecológicos (geográficos, climáticos, etc.), não creio, todavia, que o autor tenha se deixado seduzir pelo conceito de "raça degenerada", produto de intrecruzamentos raciais (e o caipira é um tipo "mix"), e toda a teoria eugênica estruturada sobre este pensamento.

Esta intuição sustenta-se no fato de que, passados alguns anos da publicação de "Urupês", Lobato conduiria, afinal, que o fator determinante da "lombria" do cabôclo, sua cultura tísica esse modo de vida "semi-selvagem", impenetrável ao progresso, seria, não de ordem genética, mas de caráter endêmico: o pobre do Jeca padecia de ancilostomíase (seção ou amarelão). Esta idéia viria a público no início da década de 20 em forma de almanaque, o "Jeca Tatuinho", fruto da amizade do escritor com o industrial e farmacêutico Cândido "Biotônico" Fontoura:

"Jeca Tatu era um pobre cabôclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivía na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e dos vários filhinhos, pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarros de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia no mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brajáua, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto, corria um ribeirão, onde ele pescava de quando em vez uns lambaris e um outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela bôca, muito ordinária, etc.

Todos, que passavam por ali, murmuravam:

- Que grandíssimo preguiçoso (...)

Um dia um doutor portou por lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o cabôclo tão amarelo e tão magro, resolveu examiná-lo.

- Amigo Jeca, o que você tem é doença (...).

Tomando a ANKILOSTOMINA, você bota fora todos os ancilostomos que tem no corpo. E andando sempre calçado, não deixa que entrem os que estão na terra. Fazendo isso e fortalecendo-se com alguns vidros de BIOTÔNICO, ovos e leite, você fica livre da doença, para sempre.

Jeca abriu a boca, maravilhado.

- Os anjos digam amém, são doutor.

Ainda que esta tese não seja de todo absurda - desamparada por um Estado amorfo, resultado de um clientelismo imemorial, a imensa maioria da população rural de baixa renda ainda hoje carece de serviços

básicos nas áreas de educação, higiene e saúde (profilaxia dentária, por exemplo, inexiste) - ela é de um reducionismo assustador: no almanaque, o modo de vida do cabôclo, em suas dimensões econômica, social e cultural é, em última análise, produto de um ser primitivo e degenerado:

"Jeca possuía muitos alqueires de terra (1), mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas (...).

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que, ainda assim, trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

- Mas como é que seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

- É que ele mata.

- E pro que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiu por entre os dentes, e vinha sempre a mesma história:

- Quê. Não paga a pena.

Assim sistemas tradicionais de uso da terra como a coivara, o sistema de rotação e a cultura de substância - comum até meados deste século -, heranças do nosso indígena, a medicina popular e as superstições, um sincretismo das tradições indígenas, portuguesas e africanas, são tratadas etnocêntricamente, o que vale dizer, neste caso, como sistemas de uma sociedade não apenas culturalmente inferior, mas doentia.

Combatida a endemia, impeçilo à evolução, restava encontrar um meio de se acelerar este processo. Em "Urupês", Lobato descreve a "forma mentis" cabôclo:

O mobiliário cerebral do Jeca, à parte o suculento recheio de superstições, vale o do (seu) casebre. O banquinho de três pés, as cuias, o gancho de toucinho, as gamelas, tudo se reedita dentro de seus miolos sob a forma de idéias: são as noções práticas da vida, que recebeu do pai e sem mudança transmitirá aos filhos.

O sentimento de pátria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive (...).

A sua medicina corre parelhas com o civismo e a mobília - em qualidade. Quantitativamente assombra. Da noite cerebral perlampejam-lhe apozemas, cerotos, arrobes e eletuários escapados à sagacidade cômica de Mark Twain (...).

A idéia de Deus e dos santos torna-se jeco-cêntrica. São os santos os graúdos lá de cima, os coronéis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nela ajudando-os ou

castigando-os, como os metedidos deuses de Homero".

Uma vez que o autor se encontrava, no seu modo de ver as coisas, no estágio mais acabado da "evolução", a solução que se impunha era óbvia: era preciso substituir a tripeça, a cuiá e o gancho de toucinho, o "mobiliário cerebral" do autor: < 3

"(...) Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos (ancilostomos) entresssem pelo pé. Ele era 'positivo' e dos tais que 'só vendo'. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa e disse:

- Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

- Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com estalante.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos, assombrado.

- E não é mesmo. Quem houvera de dizer...

- Pois é isso, são Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que disser a Ciência.

- Nunca mais. Daqui por diante dona Ciência está dizendo, Jeca está jurando em cima (...).

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho. Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A ANKILOSTOMINA curou-o do amarelão. O BIOTÔNICO deixou-o bonito, corado, forte como um touro.

A preguiça desapareceu (...).

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos. A porcada aumentou de tal modo, que vinha gente de longe admirar aquilo. Jeca adquiriu um camião, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto num instantinho, buzinando pela estrada a fora: fon-fon, fon-fon...

As estradas eram péssimas, mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.

- Quero falar a língua dos bifes para ir aos Estados Unidos ver como é lá a coisa".

"Jeca Tatuinho" é um texto que, pela sua importância, merece um estudo aprofundado. Afinal de cristalizou no imaginário popular de três gerações, a imagem definitiva do "caipira" (para a imensa maioria, com certeza, a única: um ser primitivo e doente produzindo uma cultura primitiva e doente). Os números nos dão conta disso: em quase 40 edições (em japonês e alemão, inclusive para atingir as respectivas colônias), foram impressos, segundo cálculos da Farmacêutica Fontoura S.A., detentora dos direitos autorais do almanaque, cerca de 100 milhões de exemplares, distribuídos algumas vezes gratuitamente, outras acondicionado à embalagem do "Biotônico".

Tomei Monteiro Lobato como exemplo - afinal, dentre todos os estudiosos do assunto, Lobato, com sua indiscutível genialidade, e amparado por estrutura de marketing pioneira, foi quem criou o esteriótipo mais duradouro do roceiro paulista - para introduzir uma discussão que se encontra na pauta do dia das ciências ditas Sociais: a relação do pesquisador com seu "objeto".

Alçado à categoria de "objeto de estudo" no início deste século, o substrato psíquico do caipira foi o espelho fiel do "caipira" que habitava o inconsciente de seus "descobridores" e estudiosos (exemplo do "Bon-Sauvage" Rousseauiano, do "antropófago" Hans-Stadenio do "pagão a ser catequizado" jesuítico). Num primeiro momento o caipira incorporou a honradez, a nobreza moral e a coragem física, logo substituídas por preguiça, imbecilidade e fatalismo. Em uma outra leitura, ressaltou-se a timidez, a franquesa, a alegria e a inteligência. Hoje, o trabalhador rural paulista sobressai-se pela sua valentia ludicidade e religiosidade, além de plena consciência de suas potencialidades de agente transformador do processo histórico...

A questão que se impõe é, o que diria o caipira, o lavrador, o proletário rural - como queiram - se lhe fosse dado voz? E bem provável que ele não se reconhecesse em nenhum dos retratos pintados acima. É mesmo possível que ele ficasse bastante curioso por

conhecer estes tipos (ideais, ou nem tanto) tão apaixonadamente modelados à imagem e semelhança de seus criadores.

Neste ponto, torna-se impossível seguir adiante ignorando um conceito chave para a compreensão deste impasse: a "objetividade científica", o pensar distanciado e crítico obtido através do não envolvimento do pesquisador com seu "objeto".

Ainda que este (falacioso) conceito aglutine em torno de si partidários ardorosos, na realidade não creio que as coisas possam se dar desta maneira; afinal, o "objeto" é um ser humano que pensa sua própria realidade, e não uma molécula de hidrogênio. Seria correto ignorá-lo, tratando-o como o "outro a ser compreendido" - e, no mais das vezes, projetando sobre este "outro" aquilo que habita o mais profundo de nós mesmos - em nome de uma suposta objetividade? Ou, ao contrário, devemos ouvi-lo para aprender, não mais sobre ele, mas com ele, enriquecendo assim, além da pesquisa - episódica - a nossa própria existência - transcendente? O bom senso me aponta a segunda alternativa.

Assim, uma vez que é verdadeiramente impossível deixar de se envolver (e tudo o que produziu sobre "cultura caipira" até então, com algumas exceções, vem nos demonstrar isto), é fundamental, por uma questão de honestidade científica, que o pesquisador deixe explícito o "grau de envolvimento" que permeia seu trabalho.

É isso, ao meu ver, o que irá diferenciar um trabalho científico do mero panfleto.

Nota: (1) - É preciso distinguir posse de propriedade. Jeca possuía, mas não era proprietário da terra. Assim, realmente "não pagava a pena" qualquer melhoria de caráter definitivo; pois, além de contrariar o seu "modus vivendi", Jeca sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria esconrado pelos coiteiros do fazendeiro local, este sim o proprietário das terras.

Rodolfo Witzig Guttilla, é poeta, jornalista profissional e antropólogo.

Inflação, pacto social e ação do estado

Luís Antonio Barone
Especial para O Imparcial

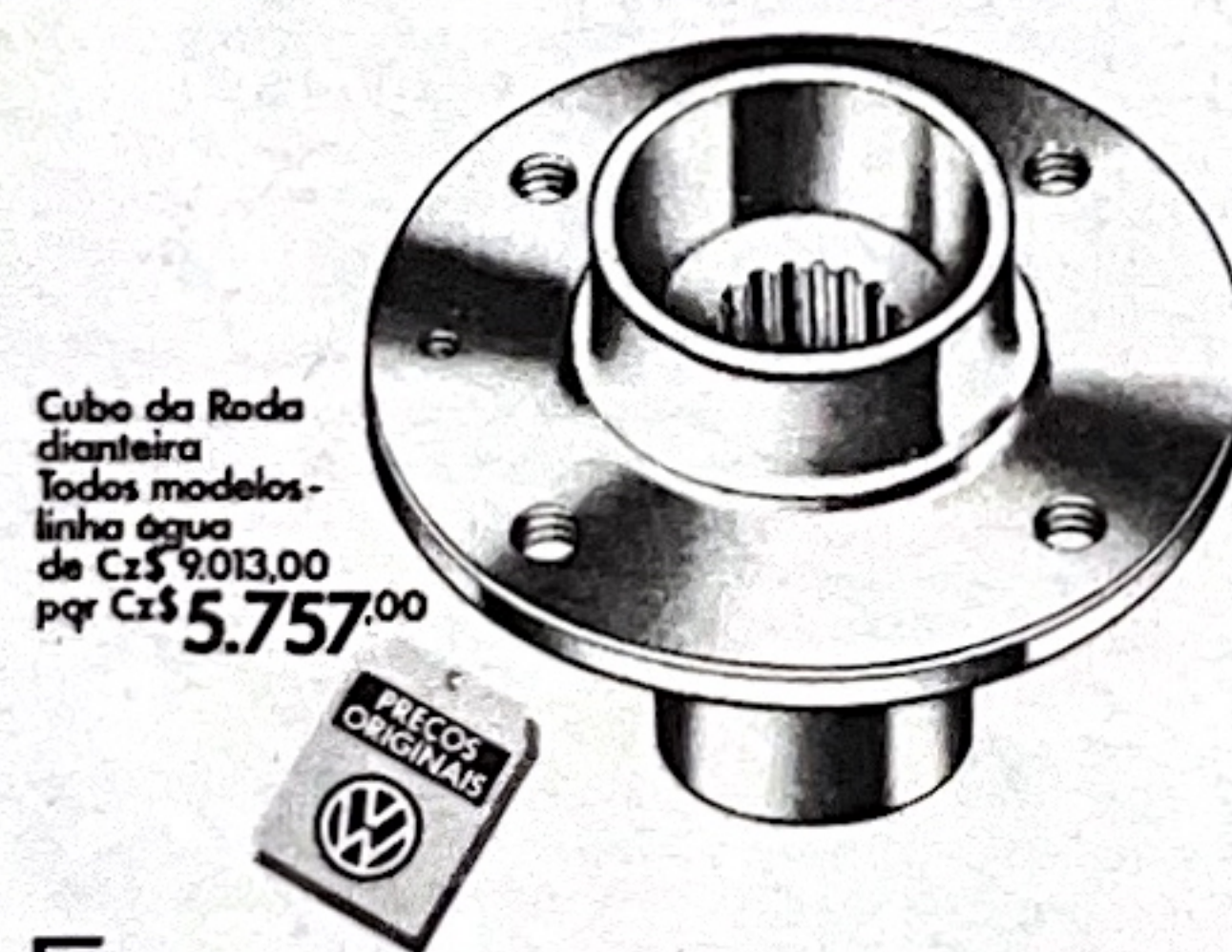
tempo que empurram para o estado (ou seja, para a conjuntura da sociedade) o ônus das dívidas do Cruzado e tentam impedir o direito de greve (que num regime liberal, deve ser pleno).

A própria inflação, que se atribui exclusivamente ao déficit das contas do Estado, é muito mais complexa. Cabe lembrar que o déficit público está intimamente ligado à dívida externa. E, embora a dívida interna seja monstruosa e requeira medidas de emergência (talvez não essas que estão sendo tomadas), maior ainda é a questão da dívida externa.

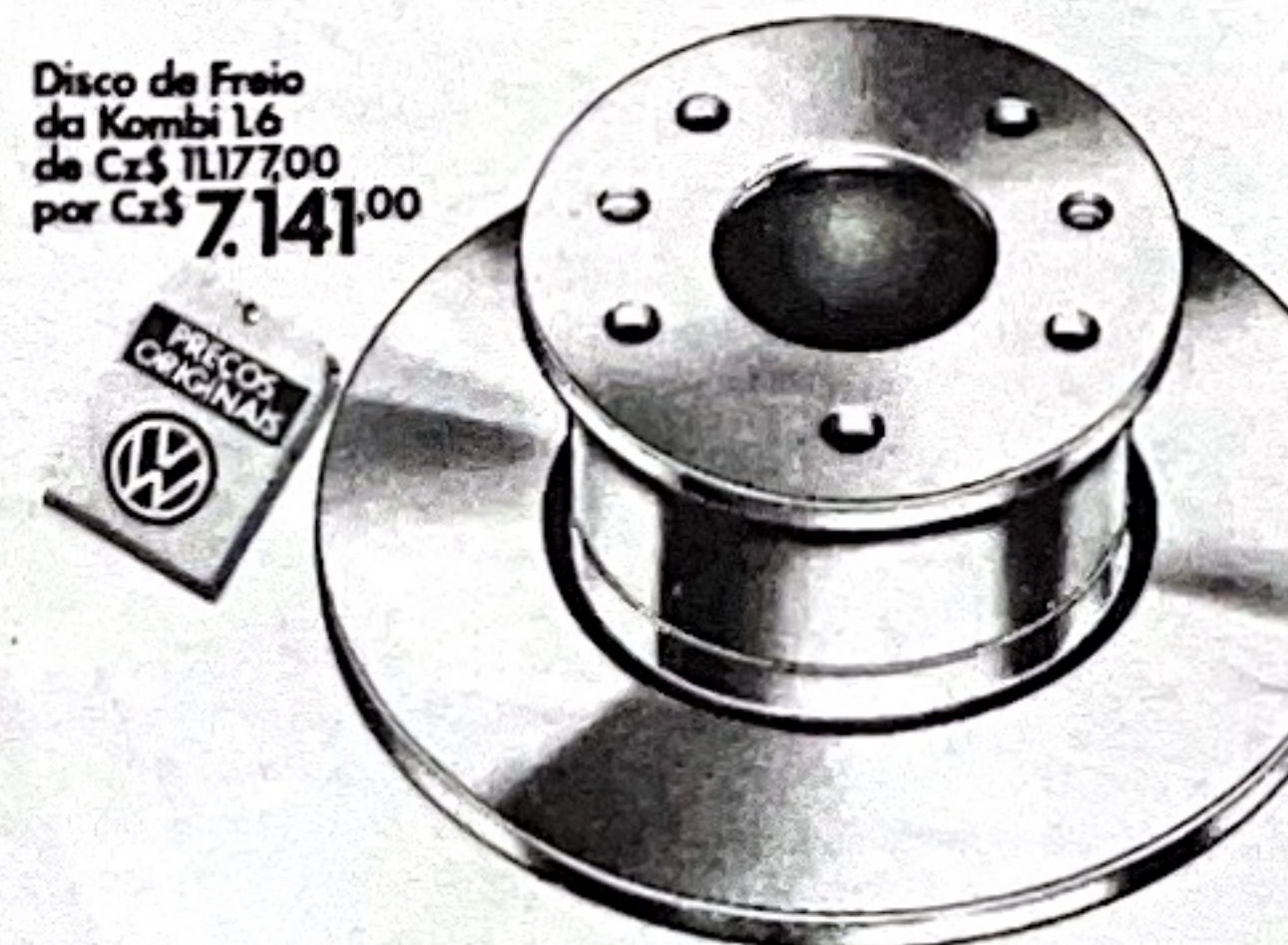
Novamente, o argumento liberal vai por terra quando se trata, por exemplo, do processo de industrialização do Brasil (a bem da verdade não só do nosso país). O "estado industrializante" é um conceito utilizado para expressar a ação do estado no sentido de promover a modernização das economias nacionais. Cabe lembrar que após a crise de 1929, tornou-se regra em todo o mundo a intervenção estatal para garantir o crescimento econômico a "suavização" das crises cíclicas do capitalismo.

Ora, a maior parte do déficit público tem origem nessas medidas de modernização da economia brasileira (notadamente a partir da final da década de 50). Os abusos e o descontrole que a entrada do capital internacional foi fruto de 20 anos de uma ditadura que teve por principal a industrialização a qualquer preço. E a inflação que vivemos hoje, a dívida interna e externa que temos que suportar é o preço que essa opção autoritária de industrialização deixou como herança para o povo brasileiro. Mecanismos de conter o "dragão" inflacionário, para serem realmente eficazes, devem passar por medidas sérias no sentido de suprimir essa "cangalha" econômica que todos nós carregamos.

Chegaram os Preços Originais Volkswagen.



Estamos oferecendo uma promoção como você nunca viu. São mais de 720 peças originais com descontos de até 50%. Neste anúncio você tem uma pequena amostra. Venha conferir. Agora,



as Peças Originais Volkswagen, além da garantia de 8 meses ou 15 mil quilômetros, são as únicas que têm Preços Originais Volkswagen.



ARAUTO
DISTRIBUIDORA ARARAQUARA
DE AUTOMOVEIS LTDA.
Av. Pe. José Anchieta, 242
Fone: 22-3700



IMPARCIAL

ANO **58**
1931 - 1988

FUNDADOR: ANTONIO CORRÊA DA SILVA — ARARAQUARA, DOMINGO, 24 DE JULHO DE 1.988 — ANO LVIII N.º 14.121 CZ\$ 55,00

**Negretti perde para
Torman nos treinos**

Araraquara agora tem